



## OS DESAFIOS DA PRÁTICA DA BENZEÇÃO NO ESTADO DE RONDÔNIA, BRASIL

The challenges of the practice of blessing in the state of Rondônia, Brazil

Les défis de la bénédiction dans l'état de Rondônia, Brésil

 <https://doi.org/10.35701/rcgs.v26.969>

Julia Gessica Silva Oliveira Pimentel<sup>1</sup>

Fredson Antônio Souza da Silva<sup>2</sup>

Josué da Costa Silva<sup>3</sup>

### Histórico do Artigo:

Recebido em 19 de agosto de 2023

Aceito em 15 de junho de 2024

Publicado em 01 de julho de 2024

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir e demonstrar práticas da benzeção, do benzer, através dos seus praticantes, as benzedeadas e os benzedores que em geral são pessoas de idade avançada que possuem o dom da cura de febres, tosses, dores de cabeça e coisas “simples” como o “mau-olhado”, o “susto”, o “quebranto” que não pode ser curado por meios da medicina moderna. O texto aborda a prática da benzeção em municípios de Rondônia, norte do Brasil, onde por conta da abundância de ervas, plantas medicinais e de forte influência indígena, há locais no Estado onde é possível encontrar este tipo de medicina vernacular. A importância de se estudar as características dessa prática está no que tange à resistência que ela enfrenta, principalmente, da ala religiosa cristã que tem a percepção sobre ela como algo maléfico, que se utiliza de orações, de feitiçaria, de “bruxarias”, como algo pecaminoso, que leva a uma visão deturpada da prática do benzer. Dessa forma, este trabalho é uma forma de demonstrar que a prática da benzeção, do benzer, nada mais é que uma ação de amor, de afeto, de cura pelo sagrado. Como resultado, verifica-se que há lutas a serem travadas, mas há também conhecimentos, experiências que na prática salvam vidas e devem ser compartilhadas não só entre os benzedores/benzedeadas, mas também entre a medicina

<sup>1</sup> Farmacêutica, Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia – UNIR/RO. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Modos de Vida e Culturas Amazônica - GEPACULTURA. Email: juliagessica\_silva@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-6787-4664>

<sup>2</sup> Geógrafo, Doutorando e Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia - UNIR/RO. Professor da Rede de Ensino SEDUC-RO. Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas Modos de Vida e Culturas Amazônica - GEPACULTURA. Email: fassilva1996@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-1672-177X>

<sup>3</sup> Pós Doutor em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina. Doutor e Mestre em Geografia pela Universidade de São Paulo - USP. Professor titular do Departamento de Geografia da Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR/RO. Email: jcosta1709@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-1295-822X>

moderna. Deve haver uma colaboração, pois, o conhecimento vernacular é um complemento da medicina dogmatizada moderna e vice-versa.

**Palavras-Chave:** Sagrado, Benzeção, Benzedeiras, Resistência.

#### ABSTRACT

This article aims to discuss and demonstrate practices of blessing, of the *benzer*, through its practitioners, the *benzedores* who, in general, are people of advanced age who have the gift of curing fevers, coughs, headaches and things "simple" as the "evil eye", the "fright", the "breakdown" that cannot be cured by means of modern medicine. The text approaches the practice of blessing in municipalities of Rondônia, northern Brazil, where due to the abundance of herbs, medicinal plants and strong indigenous influence, there are places in the State where it is possible to find this type of vernacular medicine. The importance of studying the characteristics of this practice is related to the resistance it faces, mainly from the Christian religious wing, which perceives it as something evil, which uses prayers, sorcery, "witchcraft", such as something sinful, which leads to a distorted view of the practice of blessing. In this way, this work is a way of demonstrating that the practice of *benzeção*, of blessing, is nothing more than an action of love, of affection, of healing for the sacred. As a result, it appears that there are struggles to be fought, but there is also knowledge, experiences that in practice save lives and should be shared not only among *benzedores/benzedoras*, but also among modern medicine. There must be collaboration, because vernacular knowledge is a complement to modern dogmatized medicine and vice versa.

**Keywords:** Sacred, Benzeção, Benzedeiras, Resistance.

#### RÉSUMÉ

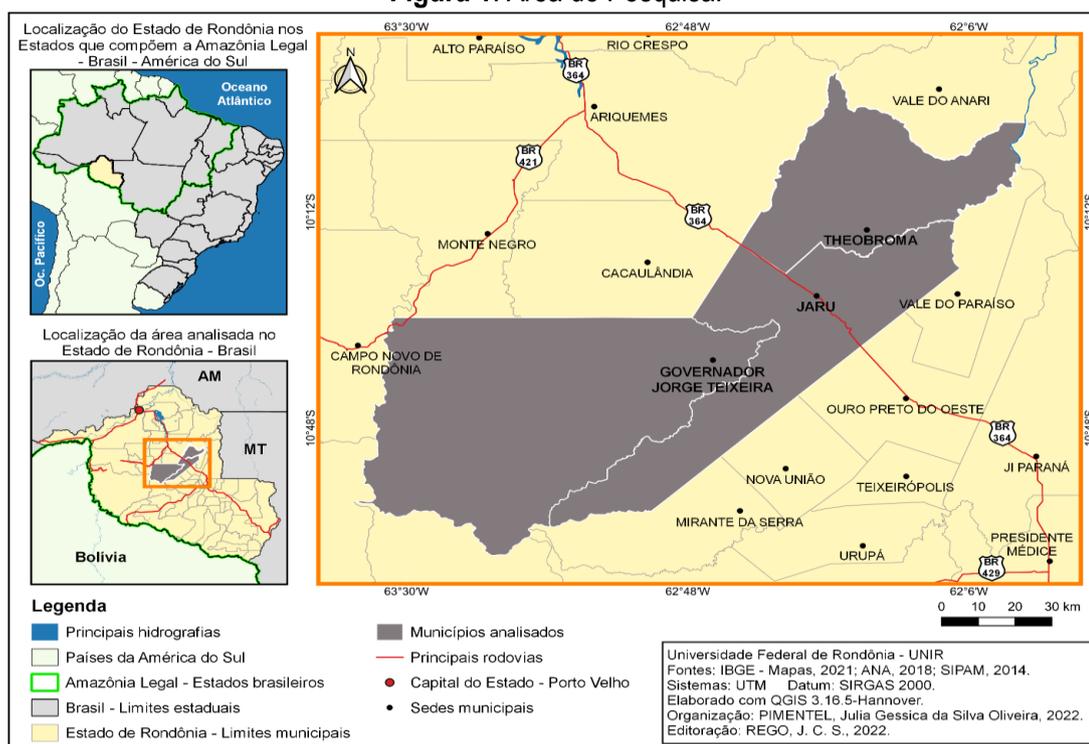
Cet article vise à discuter et à démontrer les pratiques du *benzeção*, du *benzer*, à travers ses praticiens/praticiennes, les *benzedoras* et les *benzedores* qui, en général, sont des personnes âgées qui ont le don de guérir les fièvres, la toux, les maux de tête et les choses "simples" comme le "mauvais œil", la "peur", ou la "perturbation" qui ne peut pas être guéri par la médecine moderne. Le texte traite de la pratique de la *benzeção* dans les municipalités de Rondônia, au nord du Brésil, où, en raison de l'abondance d'herbes, de plantes médicinales et d'une forte influence indigène, il existe des endroits dans l'État où il est possible de trouver ce type de médecine vernaculaire. L'importance d'étudier les caractéristiques de cette pratique est liée à la résistance à laquelle elle est confrontée, principalement dans la conception religieuse chrétienne, qui la perçoit comme quelque chose de mal, qui utilise la prière, la "sorcellerie", comme quelque chose de pécheur, qui conduit à une vision déformée de la pratique du *benzer*. De ce fait, ce travail est une manière de démontrer que la pratique du *benzeção*, du *benzer*, ce n'est rien de plus qu'une action d'amour, de guérison, d'affection pour le sacré. En conséquence, il apparaît qu'il y a des luttes à mener, mais il y a aussi des connaissances, des expériences qui, dans la pratique, sauvent des vies et devraient être partagées non seulement entre les *benzedores/benzedoras*, mais aussi entre la médecine moderne. Il faut qu'il y ait de collaboration, car les savoirs vernaculaires sont un complément à la médecine dogmatisée moderne et vice versa.

**Mots-clés:** Sacré, Benzeção, Benzedeiras, Résistance.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de pesquisa desenvolvida com as benzedeiras e benzedores nos municípios de Governador Jorge Teixeira, Jaru e Theobroma (Figura 1). Ambas estão presentes na região central de Rondônia, pertencentes à macrorregião de Ji-Paraná. Essa localização se dá pela forma de organização das regiões do Estado em macro e microrregiões e tem sua população marcada pelo processo migratório no período de extração dos seringais de Rondônia e posterior pela busca por terras férteis para plantio e de custo barato.

Figura 1: Área de Pesquisa.



Fonte: Autora (2022).

As práticas de saúde ditas como tradicionais pela sociedade moderna têm como protagonistas, raizeiros, benzedeiras, curandeiros, centros espíritas, pais e mães de santos, pajés urbanos, catimbozeiros, entre outros. As dimensões geográficas dos saberes e práticas populares de cuidado em saúde e a relação entre modernidade e tradição e suas dicotomias foram observadas a partir das benzedeiras/ores que utilizam a reza como ferramenta terapêutica no processo de cura das enfermidades.

As benzedeiras e os benzedeiros são cuidadores dos males físicos e espirituais dos moradores das comunidades quilombolas e, diariamente, são convocados para resolver de briga de casais às bênçãos aos animais, além de cuidarem de doenças que, no geral, se encontram fora do escopo de tratamento pela medicina dogmatizada.

A benzedura é um procedimento ritualístico realizado por pessoas de diversas religiões e sofre influência de acordo com o meio que estão inseridas, alterando detalhes no ritual, como uso de objetos, plantas e jeitos de acenar no momento da benzeção. O benzer é um ato de interceder a cura do doente ao sagrado, com intuito de trazer o equilíbrio material e espiritual que necessita a pessoa benzida. O ritual tem como característica uma conexão de quem benze com a pessoa a ser benzida e com a espiritualidade. Essa interação, no momento do benzimento, permite a intervenção espiritual e a obtenção da cura (SOUZA, 2008).

A benzedura é uma soma de orações e preces, com gestos e ramos de plantas, de acordo com Silva (2014) essas práticas culturais são representadas a partir de um código baseado na necessidade e na generosidade, embebidas em rituais, gestos, poder e domínio das palavras e no manuseio dos objetos utilizados na hora do ritual, sejam eles, ramo verde, toalha branca, faca, machado, litro com água, etc. Para cada doença, uma oração diferente, objetos e santos diferentes. Todo um universo repleto de símbolos e gestos, que variam de oração, doença, benzedor, lugar e cultura (SILVA, 2014).

Neste trabalho procurou-se destacar as benzedoras e benzedores e o seu ofício, que é o ato de benzer, de curar o enfermo por meio de rituais e orações. A evolução, o avanço da ciência moderna, com alta tecnologia e remédios superpotentes ainda deixam falhas em casos costumeiros de enfermidades, ainda que “pequenas” e consideradas superstições como o caso do “mau-olhado”? Ora, com orações e procedimentos próprios dos portadores/portadoras do dom de benzer. É uma questão de fé, afinal, uma vez que não há um remédio específico para o “mau-olhado”. O “susto” também é um caso onde a ação do (a) benzedor (a) se faz necessário, por exemplo. São casos assim que se procura destacar neste trabalho.

Não se tem uma precisão quanto ao surgimento da prática no Brasil, porém tem-se o conhecimento dos rituais realizados pelas comunidades indígenas, onde os pajés realizam o benzimento, invocando os sagrados da floresta. Outro detalhe acrescido à história da prática é quanto à influência de outras culturas, como a chegada dos portugueses trazendo suas particularidades religiosas aos povos nativos e também a contribuição das religiões de matrizes africanas.

A problemática levantada para o então estudo se trata de uma análise da construção cultural do benzimento e suas práticas envolvendo o saber das rezas, assim como a utilização de plantas medicinais pelas benzedoras e benzedores, buscando a compreensão do processo de resistência desses saberes. Levando em consideração vários aspectos como a inserção dessas na comunidade, suas influências religiosas e, principalmente, o mecanismo que contribui para a resistência da prática.

Há uma resistência por parte das religiões tradicionais como o catolicismo, o protestantismo, das igrejas neopentecostais em relação ao ofício de benzer. Para alas destas religiões e doutrinas, o benzer é pecado, é algo que se utiliza das forças “sombrias”, sendo, portanto, pecado. E este trabalho ressalta a resistência dos benzedores e benzedoras para legitimar e ao menos deixar transparecer para àqueles que desconhecem este mundo que o benzer é uma bênção, um ato de amor e de fé.

As seções deste artigo estão distribuídas em procedimentos metodológicos (é apresentado a pesquisa bibliográfica, a pesquisa de campo e o método adotado para construir o presente texto), em 3 títulos que compõem o desenvolvimento principal do trabalho e apresentam o ofício do benzer, os benzedeiros e as benzedeadas, os seus desafios e vivências (Benzedeadas/Benzedores e o ato de benzer; A prática do benzimento em Rondônia; Benzer, um ato de coragem: desafios na prática da benzeção) e pelas considerações finais onde é retomada as questões de persistências dos benzedores frente ao avanço da diminuição da prática do benzer.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Inicialmente houve um levantamento bibliográfico onde foram analisados temas correspondentes com a discussão proposta neste trabalho. Obviamente foram encontradas teses, dissertações e artigos que discutem o tema do benzimento e as benzedeadas. Depois dessa fase, analisou-se os depoimentos das benzedeadas registrado durante a visita de campo sob a perspectiva da geografia humanista, isto é, houve uma análise de cunho qualitativo-descritivo. A oralidade no trabalho qualitativo-descritivo como este é de suma importância pois há a possibilidade de se contar fatos vividos, pelo diálogo, com a finalidade de transmitir significado. (ALMEIDA, 2020, p. 43).

## BENZEDEIRAS/BENZEDORES E O ATO DE BENZER

De acordo com Pimentel (2021), as benzedeadas e os benzedeiros são cuidadores dos males físicos e espirituais dos moradores das comunidades quilombolas e, diariamente, são convocados para resolver de briga de casais às bênçãos aos animais, além de cuidarem de doenças que, no geral, se encontram fora do escopo de tratamento pela medicina dogmatizada. As benzedeadas são agentes de cura dentro das comunidades que estão inseridas, pessoas que são consultadas pelo seu domínio no uso de plantas medicinais e em doenças acometidas, nas quais não se encontra as razões fisiopatológicas (mecanismos de como as doenças se comportam dentro do organismo).

Para Oliveira (1985, p. 25), a benzedeadas “[...] é uma cientista popular e possui uma maneira muito peculiar de curar: combina os místicos da religião e os truques da magia aos conhecimentos da medicina popular”. Temos então um sujeito carregado de significações e representações, que são ao mesmo tempo “médicas populares” e detentoras de orações.

A prática de benzeção envolve algumas representações e simbologias que juntos atuam na eficácia de tal prática constituindo e moldando o universo místico dela. A benzedeadas ou o

benzedeiro determinam qual o objeto a ser usado em cada ritual. Dependendo da enfermidade encontrada, a benzedeira, benzedeiro procede da maneira que julgar melhor para se alcançar a cura do paciente.

As características percebidas na prática das benzedeiros permitiram separá-las em duas categorias, como realizado em um trabalho desenvolvido por Nascimento Silva (2004), a autora fez uso da tipologia weberiana (consiste na classificação da sociedade de acordo com três categorias – Racional, Tradicional e Carismático – de dominação pura e legítima) para categorizar as parteiras ribeirinhas em três categorias as carismáticas, tradicionais e as racionais. Carismática é uma pessoa que tem seu poder legitimado pela santidade, exemplaridade e por ordenações e revelações. O carisma equivale o “dom”, atribuído pela fé de terceiros em seu carisma (poder espiritual), esse, segundo Silva (2004), pode surgir por determinados sinais como portador de um carisma, por revelação de alguma divindade, também pode acontecer por sucessão de um portador de carisma com reconhecimento da comunidade e até mesmo por uma espécie de carisma hereditário, onde a sucessão segue a linhagem familiar.

A categoria tradicional é a pessoa que exerce o poder baseado na tradição, essa pode ser oriundo do âmbito familiar ou até mesmo da comunidade em que ela está inserida. Onde o saber é transmitido a outra pessoa, com o intuito de garantir a manutenção da tradição. A categoria racional abrange legalidades formais, como os agentes de saúde, que possuem treinamento técnico formal para o atendimento da comunidade. No presente estudo foi possível identificar dois tipos as carismáticas que se denominam benzedeiros de dom e tem a prática como uma missão de vida. E as tradicionais que na maioria entrevistados apresentaram que receberam os ensinamentos de membros da família ou de pessoas próximas.

A benzeção é tida como uma missão de vida pela maioria dos adeptos, onde a benzedeira ou benzedor com conhecimento dos rituais do benzimento ajuda as pessoas com suas preces e medicamentos naturais. Esse saber é aprimorado aos poucos, muito associado à fé dessas pessoas e no comprometimento com o aspecto religioso (SOUZA, 2008). O ritual tem três etapas: o diálogo, em que o doente expõe os problemas e aflições; o ritual propriamente, de acordo com a particularidade do benzedor; a prescrição, onde o benzedor pode prescrever orações ou até mesmo chás e ervas medicinais (NOGUEIRA; VERSONITO; TRISTÃO, 2012).

Chama atenção a relação entre o uso dessa terapia e o apelo ao misticismo inerente a essa prática. Essas mulheres se utilizam do sobrenatural e do ritual para a realização de sua contínua reafirmação. Os mesmos elementos que a caracterizam são os mesmos que a determinam. A eficácia

da cura se baseia na crença da tríade “curador”, “doente” e “coletivo social” no poder místico do processo de cura, produzindo a “eficácia simbólica” na qual curandeiro é visto como elemento condutor para a realização deste.

Esses elementos empregados são uma característica particular de cada praticante. Isso pode ser influenciado pela cultura e até mesmo pelas influências religiosas no meio onde se está inserido. Da mesma forma, está posto o lugar em que será realizado o benzimento, essa percepção do que é sagrado para uma pessoa e pode não ser por outra, pode ser perceptível do ponto de vista de construção da identidade do lugar como trazido por Tuan (1983) nesse processo de compreensão da construção da identidade do indivíduo com o lugar é importante considerar que numa paisagem os objetos admirados por uma pessoa podem não ser notados por outra. Essa diferenciação deve-se à cultura de cada indivíduo.

Na realização do benzimento, as mãos postas em posição de receber as bênçãos é uma atitude que roga a Deus e aos santos, para que aquela pessoa receba a cura e afaste os espíritos ruins. É instigante pensar nessa sabedoria popular partindo da análise e da observação da expressão de cansaço e das muitas vezes que a benzedeira, benzedeiro abre a boca “bocejando” durante o ritual. Sobre essa experiência relata a benzedeira: “Quando tô rezando olhado, as lágrimas descem e; abre muito boca; e eu gripo logo, isso acontece quando o olhado é forte.” (M.F.O. 74 anos)

Os ritos são repletos de significados, mas não compreendidos por quem não partilha do mesmo entendimento ou valores. Há benzedores que preferem ou têm o hábito de fazer o ritual separado das outras pessoas, em privacidade. Algumas usam plantas atuando em conjunto para afugentar o mal, outras usam a expressão das palavras carregadas de fé e devoção, seguida da oração do Pai-nosso e da Ave-Maria, ou outras orações que aprenderam com pessoas mais velhas de sua família.

**Figura 2:** Ritual do benzimento.

Fonte: Autora (2022).

Ressaltando sobre o uso de objetos e plantas, na Figura 2, pode-se observar a realização do ritual com uso de planta medicinal. Nesse caso, a benzedeira estava usando arruda (*Ruta graveolens*) uma planta muito comum nesse tipo de prática. Outro detalhe foi a execução na frente do altar, por se tratar de uma mãe de santo do terreiro de Umbanda, e ela mencionou que tem o hábito de fazer o benzimento na frente do altar, para implorar as forças dos santos, também dos orixás para obter a benção para pessoa benzida. Ao perguntar sobre o líquido presente no copo, ela disse se tratar apenas de água.

As benzedeiras possuem uma relação de proximidade com a natureza, pois, além dos objetos, são portadores de significados dos dias, fases da lua e horários para serem realizadas as orações. Algumas benzedeiras e benzedores, relatam que, no passado e ainda hoje para algumas pessoas, fazer o ritual de benzeduras de pessoas pode acontecer todos os dias, com exceção dos

sábados e, para outros, no domingo, sendo que as sextas-feiras é um dia muito forte para realizar o ritual.

Algumas benzedeadas e benzedores relataram que mesmo sendo dia de sábado, se chegar uma pessoa para benzer, eles benzem, pois, o dom de cura não se pode negar a ninguém independente do dia. A hora do dia também interfere, pois, segundo eles, devem benzer enquanto os raios do sol estão de fora.

Como em qualquer ritual, a reza vai necessitar de instrumentos para que se ganhe mais credibilidade. Os objetos utilizados para tal fim são os mais variados e dependem de cada terapeuta, os instrumentos incluem: ramos, água comum, água benta, agulha, linha, pano, roupas, foto, pilão. Mas, basicamente, eles dizem utilizar apenas o ramo. Em sua fala, uma das entrevistadas ressalta a credibilidade recebida devido à utilização de um ritual diferente do que é costumeiramente realizado pelas demais benzedeadas.

Esse ato, segundo ela, aumenta o poder da cura. É o caso, por exemplo, dos galhos de plantas, parte fundamental no ritual, segundo as entrevistadas: “não podem ser qualquer um”; devem ter características peculiares: “há ramos que amargam”, “não pode figo, pereiro...”. Entre os mais utilizados estão: vassourinha, laranjeira, cordão de São Francisco, arruda, quebra pedra, romã e hortelã.

Os objetos adotados por cada benzedor também estão sempre presentes nos rituais. Esses objetos são importantes na prática da benzeção, uma vez que para as benzedeadas e os benzedores representam um auxílio que lhes proporcionam segurança e confiança para benzer. A importância desses objetos para as benzedeadas e os benzedores, no ato da benzeção, faz com que a cura seja imediata, ou pelo menos que a solução para o mal seja recebida. Além dos diversos objetos incorporados ao ritual da benzeção há também a incorporação de plantas medicinais. Alguns benzedores indicam plantas medicinais para o tratamento de algumas enfermidades, como arruda, alecrim, capim santo, entre outros.

Em relação ao ato de benzer, segundo Oliveira (1985), o ato de benzer é abençoar se solidarizando com os deuses e com as pessoas socializadas. É uma forma de suplicar aos santos para que proporcionem os benefícios aos homens. Desse modo, uma bênção em sentido amplo é orar pela convergência dos poderes divinos para resolver certas necessidades, proteger algo ou alguém, ou mesmo pedir para promover algo para si ou para outrem. Neste conceito amplo, a prática da bênção pode construir tradições de diferentes origens religiosas e incluir diferentes características sociais dentro do mesmo grupo (OLIVEIRA, 1985).

O ato de abençoar é cenário comum de vários papéis na sociedade. É frequente que os pais abençoem os filhos, ou até os avós vão abençoar seus netos, e os padrinhos vão abençoar seus afilhados, assim como normal os parentes mais velhos podem abençoar os mais novos com palavras ou até gestos predefinido.

Nas benzeduras estão os segredos para tirar os males do corpo. Os rituais da cura compreendem orações e receitas específicas para cada tipo de problema apresentado, no entanto o elemento principal presente em todos é a fé. Algumas benzeduras podem ser feitas com a pessoa estando presente ou distante, o necessário para se benzer é que se saibam os sintomas e onde ocorrem. (FLORIANI et al., 2016, p. 343)

Segundo Farinha (2011), benzer significa dar a benção, que consiste em uma ação onde uma pessoa transmite o bem a outra pessoa. No entanto, não é qualquer pessoa que o pode fazer, é necessário um preparo espiritual.

Desta forma, a benção em um sentido mais amplo seria o ato de pedir a interseção de forças divinas em prol da resolução algo pretendido para si ou para outros. Dentro desta conceituação abrangente, a prática de benzer pode enquadrar tradições de diferentes matrizes religiosas e englobar variados personagens sociais dentro de um mesmo grupo. (LINS, 2013, p.571)

Pela visão das benzedoras o dom, ou seja, a habilidade de interceder por pessoas através das preces e rituais, é atribuída por Deus. Algumas até mencionam que tentaram deixar de atender tal propósito, mas que, ao realizar um benzimento, passaram a ser conhecidas dentro da comunidade em que estão inseridas. Um detalhe importante, devido ao fato dessa ser a única forma de se chegar a uma benzedora.

A credibilidade depositada na pessoa que foi benzida e em quem realizou o ritual é algo que impressiona. Podemos observar que, apesar de recorrer ao sobrenatural, é no real que elas se apoiam. Os benzedores se utilizam dessa terapia porque os sujeitos envolvidos visualizam nela um sentido concreto. Apesar de não sistematizada, é uma prática que raramente se contradiz, daí surge a facilidade com que é aceita pela comunidade.

## **A PRÁTICA DO BENZIMENTO EM RONDÔNIA**

Foram localizadas 3 benzedoras e 1 benzedor no município de Governador Jorge Teixeira; 2 benzedoras e 1 benzedor no município de Jaru e 1 benzedor no município de Theobroma. Um detalhe observado foi a idade dos praticantes. Os entrevistados possuem faixa etária entre 58 e 81 anos. Foi localizada uma benzedora de 24 anos, no entanto, ela não teve interesse em participar da pesquisa. A predominância de pessoas idosas reforça a necessidade de compreender os mecanismos de resistência da prática do benzimento.

O benzedor J.L.N. (77 anos), pessoa humilde e sem estudos, para que fosse possível o diálogo com esse benzedor se fez necessário auxílio de uma terceira pessoa, foi um dos entrevistados presencialmente. Ao contar sobre sua história no benzimento, contou que chegou em Rondônia, no ano 1974, vindo de Minas Gerais, não havia recursos na região, nesse período estavam desbravando o estado. Por uma necessidade de tratamentos e por ter tido contato com o benzimento no seu estado natal, o mesmo foi desenvolvendo o benzimento e o uso dos recursos presentes, como as plantas medicinais. Ele relatou que faz diversos tipos de garrafadas e banhos, para cura e libertação de várias enfermidades.

A benzedora D.A.S. (67 anos), tem formação acadêmica em pedagogia e lecionou no ensino infantil durante 28 anos, além desse papel na comunidade a mesma é líder religiosa, mãe de santo de um terreiro de umbanda. A D.A.S. veio para Rondônia, por volta dos anos 1970 com a família, são oriundos do estado de Minas Gerais. Ao indagar sobre sua história com o benzimento, ela mencionou que sua mãe era parteira e realizava o benzimento e que ela foi aprendendo ao olhar a mãe fazer os rituais. Contou também que já auxiliou nos partos, porém nunca desenvolveu como parteira, e sim como benzedora e manipuladora de remédios à base de plantas medicinais, incluindo banhos, chás e garrafadas.

A benzedora L.S.S (60 anos) também possui formação acadêmica em pedagogia. Ela contou que veio para Rondônia, também no período de fase migratória, na busca por terras produtivas e uma vida melhor, diferente da realidade vivenciada por ela no seu estado de origem, Ceará. Ao contar sobre sua história no benzimento, relatou que conheceu a prática através de sua mãe que realizava o ritual, detalhou que além dos benzimentos em crianças, faz em pessoas feridas por picadas de animais peçonhentos e de objetos perdidos. Ao dialogar sobre esse último, ela comentou que, se uma pessoa perder um objeto, ela faz um ritual para que ele apareça e a pessoa precisa apenas avisar quando for localizado.

A benzedora A.M.O (58 anos) começou a benzer quando jovem através do ensinamento da avó materna, que realizava benzimentos e partos no seu estado de origem, Espírito Santo. Ela aprendeu o ofício de forma verbal, tendo em vista que não tem escolaridade. Ao indagar sobre as plantas, ela comentou que possui poucos conhecimentos sobre as plantas, usa algumas para chás, na sua maioria como calmante e completou que não faz garrafadas. Os rituais mais realizados por ela são benzimentos em crianças que apresentam “mal do sentimento” e “espinhela caída”.

A benzedora M.O.S. (69 anos) reside no município de Jaru, com uma população maior, demonstrou muito receio de participar da pesquisa, tendo em vista a forma bem reservada de executar

a prática do benzimento. Justamente em uma cidade maior, com pessoas de muitas denominações religiosas, ela relatou que já sofreu preconceito pela prática do ritual. Também oriunda de Minas Gerais, contou que aprendeu o ritual por meio da mãe, que praticava a benzeção onde morava, interior do estado com poucos recursos da medicina moderna. “A gente aprendeu a se virar sem médico e sem remédio de farmácia, nós não tinha dinheiro, fazia os remédios com que tinha em casa e minha mãe fazia as rezas e a gente sarava”.

A benzedora M.P.O. (70 anos), oriunda de Minas Gerais, teve uma experiência diferente do relato das acima mencionadas. Ela aprendeu o ritual sozinha, benzendo seus filhos. “Toda mãe tem o poder de benzer, não tem reza mais forte do que a reza da mãe”. Afirmou que passou a benzer os parentes e pessoas próximas e hoje quem a procura, ela realiza o ritual, segundo ela não se pode negar um benefício a quem está precisando de ajuda e que ela não pode se negar a benzer. Entende que foi um dom concedido por Deus e que ela precisa ajudar as pessoas, como uma forma de retribuir a Deus o poder que recebeu.

O benzedor J.O.S. (69 anos) emigrou do Espírito Santo para Rondônia, por volta de 1983 com sua família, contou que, assim como todos na época, o intuito era a busca de terras. Sobre sua trajetória dentro do benzimento, relatou que aprendeu a prática vendo a mãe realizar os rituais, no entanto, foi se aprimorando na manipulação de garrafadas. Atualmente, ainda atende para benzer, mas sua maior procura é por garrafadas, inclusive para fertilidade.

O benzedor M.C.P. (73 anos) reside no município de Theobroma. Ele tem uma particularidade curiosa a respeito do ritual, sua maior procura é por benzer propriedades, inclusive é dessa forma que ele é conhecido. As pessoas o procuram na maioria dos casos para benzer propriedades, quando atacadas por animais peçonhentos. Contou que, quando há uma cobra na propriedade, ela ataca e mata os animais, por se tratar de uma propriedade rural, muito difícil localizar o animal. Então os proprietários procuram o benzedor para realizar o ritual. Detalhe por ele mencionado que não localiza a cobra para que as pessoas não a e sim realiza uma prece com intuito de afugentar o mesmo da propriedade. Ao indagar se faz outro tipo de benzimento, ele relatou que faz para obtenção de cura, mas que as pessoas aprenderam que ele benze propriedade e isso prevalece.

## **BENZER, UM ATO DE CORAGEM: DESAFIOS NA PRÁTICA DA BENZEÇÃO**

Borges, Shimizu e Pinho (2009) descrevem que quanto maior for a complexidade da sociedade, maior a possibilidade de diferentes formas de atendimento. Portanto, o sistema incapaz de estudar a saúde da sociedade separado de suas organizações sociais e religiosas, política e economia.

No contexto da Geografia Humanista existe uma grande preocupação entre os geógrafos acerca de estudos que valorizam a produção geográfica efetivada a partir das experiências do mundo vivido, através do conhecimento trazido a partir da cultura produzida por cada povo/espaço/lugar.

A Geografia Humanista é definida por bases teóricas nas quais são ressaltados e valorizados as experiências, os sentimentos, a intuição, a intersubjetividade e a compreensão das pessoas sobre o meio ambiente que habitam, buscando compreender e valorizar esses aspectos. De acordo com Tuan (1983), a Geografia Humanista procura entender o mundo humano pelas relações das pessoas com a natureza, pelo seu comportamento geográfico e através dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e lugar.

De acordo com Oliveira (2001), a Geografia Humanista trouxe novas luzes e abriu novas possibilidades para a compreensão de se encontrar as respostas para a construção de valores e atitudes para se enfrentar os novos desafios que se instalam a cada momento. Os desafios atuais são: a crença infalível na ciência e na tecnologia; a coletividade baseada nos pressupostos insensíveis nas estruturas sociais; e erguer um edifício fundamentado na nova ética das relações humanas e ambientais

De acordo com Oliveira (1995), a medicina popular é uma importante alternativa em favor da geração de saúde. Esta faz parte da história concreta de determinados grupos sociais, e, em especial, os migrantes. É uma das expressões vivas do ponto de vista político e cultural, quando a sua resistência para a recriação nas cidades e da luta incessante entre os grupos/classes sociais dominadores e dominados. Nelas, existe uma gama de procedimentos práticos que refletem um mundo valioso e complexo.

A medicina popular confronta seus conhecimentos, o seu arsenal de técnicas e a cultura da qual é parte, com a medicina praticada pelos médicos – a medicina erudita. Realizada em diferentes circunstâncias e espaços e por várias pessoas (pais, tios, avós, vizinhos), ou por profissionais populares de cura (benzedeiros, médiuns, ervatários, raizeiros, curandeiros, feiticeiros). Nesta perspectiva, a medicina popular é uma prática de cura, que oferece respostas concretas aos sofrimentos vividos no dia a dia. Ela aproxima e fortalece as relações sociais entre as pessoas, já que pressupõe ajuda e solidariedade. Além disso, é uma medicina barata, próxima e acessível. (OLIVEIRA, 1995, p. 51)

Em termos práticos, as benzedeiros são vítimas de uma dupla intolerância: a intolerância religiosa e a intolerância cultural. Por conta da construção de uma “religiosidade” que superestima as religiões “ocidentais” em detrimento das de matriz africana e indígena padecem da incompreensão de suas crenças e rituais. Por outro lado, culturalmente, são hostilizadas por conta de um processo histórico de marginalização e exclusão por conta do seu ofício.

Um dos pontos apontados pelas benzedeiros e benzedores entrevistados é sobre a resistência da cultura, pois, segundo eles, a nova geração, apesar de acreditar no poder da reza, não

quer aprendê-la. Uma diminuição dos praticantes do benzimento é perceptível, em bibliografias pesquisadas Borges, Shimizu e Pinho (2009) alertam para a notável queda de terapeutas populares, o que dificulta a perpetuação dessa tradição.

A crescente diminuição se dá pela pouca aderência da população jovem ao aprendizado, podendo ser explicada pelo que o autor chamaria de “o esfriamento da fé” e desinteresse pelo mágico e sagrado, advindo com a secularização e a modernidade (BORGES, SHIMIZU; PINHO, 2009, p. 36).

É possível encontrar a prática do benzimento, em diversas cidades e regiões do Brasil, tanto para libertação de enfermidades quanto de outros objetivos, como encontrar objetos perdidos, afugentar animais, entre outros. Isso mostra a resistência da cultura frente a perseguições religiosas, a Igreja Católica Ortodoxa, por exemplo, foi uma das religiões que marginalizavam o benzimento por não levar em considerações, aspectos espirituais que não condizem com a ortodoxia católica (NOGUEIRA; Versonito; Tristão, 2012).

Os rituais do benzimento fazem parte de um costume ou tradição de origem popular. De acordo com as benzedeadas e benzedores, a benção é um dom sagrado, que pode ser atribuído tanto a uma pessoa com estudos quanto a um analfabeto, não havendo assim distinção. A benção não está em quem realiza o rito, há uma interação entre a pessoa que benze, a pessoa que recebe o ritual e sua crença sobre esse, para que Deus possa atribuir a pessoa benzida a benção da cura do mal que lhe aflige (SILVA, 2014).

A “repressão de pessoas ligadas a igreja”, identificada como um dos conflitos aos ofícios tradicionais de cura nos processos de cartografia social (PNCS, 2012, p. 15), é o conflito mais comum entre as benzedeadas. Tal ação se concretiza através da postura de líderes religiosos como padres católicos e pastores evangélicos que condenam a prática do benzimento, proferindo comentários e sermões durante as celebrações e cultos que depreciam as práticas das benzedeadas.

O aspecto religioso se mostrou pelos entrevistados como um grande desafio para manutenção da prática, tendo em vista as religiões pentecostais e suas alegações sobre o ritual. O benzimento tem sido condenado por algumas religiões que questionam sua eficácia, bem como o uso de imagens ou a evocação dos santos. É frequente, relatos tanto sobre pessoas que deixaram de benzer após terem se convertido, quanto sobre as que vão receber e dar benzimentos escondidas da família. A razão de fundo é a mesma: a prática não condiz com a fé evangélica (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2015).

O benzimento, como visto ao longo da pesquisa, tem muitas influências do catolicismo. No entanto, esse também tem uma postura rígida frente à prática. A interferência da instituição eclesiástica é a maior responsável pela transformação das práticas de benzimento na cidade. Após o contato mais

próximo com a instituição católica, sobretudo a partir da participação em grupos carismáticos, não aceitam mais a denominação de benzedeadas, temendo a estigmatização, haja vista que na perspectiva da Igreja seria estritamente proibido todo o recurso a benzedores e benzedeadas, uma vez que são consideradas práticas mágicas, ou seja, a coação a Deus, uma “troca de favores” entre seres humanos e a divindade (PIERUCCI, 2001).

Existe uma adesão discursiva delas ao catolicismo, mesmo que suas práticas apresentem outras filiações religiosas, como a espírita e umbandista, em alguns casos colocar-se como benzedeadas católicas é uma estratégia para justificar seus ofícios diante a igreja e proteger-se da discriminação religiosa. Como mostra Lewitzki (2019) sobre termos pejorativos empregados aos praticantes do benzimento.

Tal adesão pode ser pensada a partir do processo histórico de marginalização e criminalização das benzedeadas por líderes religiosos que usam os termos “feiticeiras” e “macumbeiras”<sup>8</sup> de forma pejorativa, com o objetivo de estigmatizar as benzedeadas publicamente, fazendo com que elas rechacem os termos e busquem se distanciar discursivamente das associações do benzimento às religiões de matriz africana (LEWITZKI, 2019, p.197).

Essa realidade foi relatada pela benzedeadas D.A.S. (67 anos), umbandista, por muitos anos se apresentou como uma pessoa católica, a fim de fugir da repressão religiosa. Ela praticava os rituais do benzimento e os cultos de umbanda de oculta, para que não fosse identificada como umbandista, porém, as benzedeadas que atuam no interior da Igreja Católica sentiram fortemente as transformações trazidas pelo movimento carismático, pois mesmo que tenham apoiadores dentro da igreja e até mesmo setores que apoiem a prática do benzimento. Essas praticantes assistiram à desqualificação de suas práticas, em encontros e “seminários de vida no espírito”, onde as práticas do benzimento foram assimiladas com práticas demoníacas. Isso contribuiu para que os praticantes abandonem suas atividades ou até mesmo que o façam mais de forma bem reservada e somente para pessoas próximas, por medo de retaliação por parte da igreja e de seus integrantes.

As benzedeadas passam por esse processo, pela demonização, caem no descrédito. Embora suas orações sejam supostamente eficazes, questiona-se a origem de seus dons, ou seja, se estes são realmente dados por Deus ou pelo demônio. Em meio à nova realidade, as benzedeadas se encontram em uma encruzilhada, pois a demonização de suas práticas é seguida pelo convite a assimilação que conforme Bauman (1999) seria um convite aos membros de grupos censurados a abandonarem os seus grupos, logo representa um enfraquecimento desses grupos.

Essa rejeição do movimento carismático católico às benzedeadas fica evidente em uma das obras produzidas pelo grupo:

Sabendo ou não essas pessoas entram em contato direto com espíritos malignos, se aliam com eles e acabam sendo dominadas e regidas por eles. Por isso Deus nos proíbe a magia e todo o recurso a benzedores e benzedoras, bruxos macumbeiros e feiticeiros. Em tudo isso o princípio é o mesmo: a manipulação dos poderes ocultos. (ABIB, 2003, p. 69)

As religiões pentecostais também atribuem como força do mal, toda cultura ou rito religioso que empregue o uso de símbolos, imagens, objetos e até mesmo plantas. Alguns líderes religiosos neopentecostais e pentecostais admitem que haja intolerância. No entanto, ressaltam que esta não é causada pelos evangélicos, ou seja, não pode ser creditada aos evangélicos, visto que são ações isoladas, pois são pessoas que agem por conta própria. No entanto, esses líderes esquecem que o tipo de discurso realizado pelas tradições religiosas pode favorecer ou incentivar a intolerância. É importante lembrar, também, que embora alguns líderes neopentecostais e pentecostais concordem que exista intolerância por parte de alguns evangélicos, eles recusam-se a participar de diálogos ou movimentos que lutam contra a intolerância.

A religião traz ao homem a compreensão de que este não está sozinho no universo e essa traz o uso de significações e símbolos para essa conscientização. A religião se apresenta como parte que não pode ser separada na experiência humana em relação aos significados. Ao dar primazia à religião como um setor das atividades humanas não reduz o seu âmbito ou minimiza sua influência, mas sim o reconhece como fenômeno da vida humana. O simbolismo faz parte da existência humana.

De acordo com Gil Filho (2007), o homem é um ser simbólico, no sistema cassireriano, que o caracteriza como superação da vida biológica.

O homem é um ser simbólico, no sistema cassireriano, que o caracteriza como superação da vida biológica. Assim, há uma ruptura da ordem natural gerada pelo homem e na qual ele deve ser submetido. Este processo conscientiza o homem de que ele não somente vive no universo de fatos, mas, sobretudo em um universo simbólico. Deste modo, a religião, é parte deste universo pleno de significados que faz parte indissociável da experiência humana. Sendo assim, o homem não está somente diante da realidade imediata, mas à medida que sua prática simbólica se realiza ele busca os significados da existência. O homem é o protagonista deste conhecimento simbólico e desta prática social da religião. (GIL FILHO, 2007, p. 210)

A simbologia é uma característica forte do benzimento, o emprego dos objetos, as preces, os gestos e até mesmo o local, nos remete a símbolos. A junção de todos os detalhes empregados no rito da benção, traz a pessoa benzida a libertação da qual necessita, ressaltando que o benzimento busca trazer o equilíbrio do corpo-mente-espírito (MOURA, 2011).

O ofício das benzedoras inclui a cultura e a fé na utilização desses símbolos, como mostra Silva (2014):

As benzedoras usam os símbolos da cultura, aproveitam aquilo que é vivido por nós e colocam o sentido religioso. Percebemos nas narrativas dos benzedores, por exemplo, que para benzer de um machucado conhecido como carne quebrada, utiliza-se um símbolo para unir aquilo que foi quebrado. O novelo e a linha. Em relação ao quebranto, se pega um ramo

de arruda ou guiné (tipi), que a própria natureza oferece como sendo plantas medicinais que afugentam qualquer tipo de mal e fazem as orações. Se a pessoa estiver de mau-olhado, ela usa de um ramo verde e faz a oração debaixo de uma árvore; enfim, o símbolo tem relação com a oração a ser feita, sendo eles elementos da própria cultura, podendo sofrer variações de lugar para lugar (SILVA, 2014, p. 12.)

Na ciência geográfica, o tema que aborda a experiência religiosa dos indivíduos e suas coletividades, é estudada pelas novas abordagens da teoria geográfica, designadas Geografia Cultural e Geografia Humanista. Para Claval, a abordagem temática a partir da Geografia Cultural permite repensar as categorias clássicas: a economia, a vida política e social sob o enfoque da cultura, do simbólico, do cotidiano social, ao passo que torna possível uma reflexão sobre o papel que o espaço e o meio têm na vida dos homens (CLAVAL, 2007).

A abordagem cultural em Geografia busca apreender a realidade enquanto interpretação social. Segundo Claval (2007, p. 63), “a cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas...”. Nessa conceituação, a geografia cultural analisa os mecanismos de comunicação que são responsáveis pela transmissão da cultura. Ela evidencia as fases da construção do indivíduo através da cultura, e enfatiza o papel da reprodução e este da invenção.

A cultura é uma manifestação atemporal e dinâmica, pois a mesma se movimenta sofre pequenas alterações, mesmo diante das adversidades, essas encontram uma forma de resistir e dar seguimento as suas práticas, sobretudo enfrentando formas de preconceitos e perseguições, como a cultura das benzedeadas (MOURA, 2011).

O trabalho realizado pela Rede Puxirão (Coletivo que atua em prol de defesa e resistência de práticas vernaculares/tradicionais como é o caso do benzer) é um exemplo de ação que pode auxiliar as benzedeadas ao enfrentamento desse repressões e preconceitos A participação das benzedeadas na Rede Puxirão tem contribuído para desconstruir a noção pejorativa do termo “macumbeira” internamente no Movimento, considerando que muitas benzedeadas compartilham dos preconceitos em relação às religiões de matriz africana. Esse movimento interno de transformar percepções acerca do Candomblé e da Umbanda decorre do diálogo e troca de experiências com candomblecistas e umbandistas que compõem o espaço de articulação.

O convívio das benzedeadas que representam o Movimento Aprendizes da Sabedoria (MASA) tanto na Rede Puxirão quanto no Conselho Estadual dos Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais do Paraná têm sido importantes para construir um repertório de respostas em relação aos preconceitos às religiões de matriz africana, assim como a aproximação de suas práticas ao mundo não católico/cristão.

O MASA, do Paraná, é formado por benzedoras e benzedores, curandeiras e curadores, costureiras e costureiros de rendidura e/ou machucadura, rezadeiras e rezadores, remedeiras e remedeiros, massagistas tradicionais, parteiras e aprendizes de benzedura representados como detentores de ofício tradicional de cura e de saúde popular, associados a saberes, conhecimentos e práticas tradicionais, implicados num cenário de conflitos por reconhecimento e redistribuição de direitos (ANDRADE, 2019).

Por estarem relacionados à solução de problemas diários e práticos, os trabalhos dos agentes da benzeção sempre foram solicitados e revelam a busca de muitos homens e mulheres por caminhos alternativos de cura. O método empregado nos rituais de cura envolve um empirismo terapêutico, onde o conhecimento é obtido a partir da observação e experiências, de curas obtidas com o método em questão. A simbologia e a mágica empregada na prática, nos leva a pensar sobre a confiança que essas pessoas possuem em forças manipuladas através da natureza (MOURA, 2011).

A forma mágica e simbólica que se apresenta o benzimento, foi possível ser notada ao entrevistar e assistir o ritual realizado pelo benzedor J.L.N. de 77 anos, ele mencionou que o benzimento que mais realiza é contra o mau-olhado, que, segundo ele, é adquirido por inveja ou por pessoas admirarem de forma exagerada a outra pessoa ou as coisas que ela possui.

Ao mencionar o ritual, ele explicou que faz usando um copo de água e brasa (Figura 3), invocando pelo alívio do enfermo e jogando a brasa na água, algumas brasas afundam ou quase todas. De acordo com o ritual, é possível saber se a pessoa está muito carregada justamente pelas brasas, quando em contato com a água se elas afundarem e o peso do mau-olhado que a pessoa traz consigo.

**Figura 3:** Benzimento de mau-olhado com carvão.



Fonte: Autora (2022).

Enquanto o benzedor realizava o benzimento, as pronúncias das preces são sussurradas. Não foi possível identificar o tipo de oração que se estava fazendo, apenas murmúrios e gestos, pois, durante o ritual, fazia o sinal da cruz, usado nos ritos católicos, quando o fazia pronunciava um pouco mais alto e dava para ouvir a pronúncia: “Em nome do Pai, Filho e Espírito Santo”. Ao indagar sobre a prece que fez, ele disse que não poderia contar, pois somente uma pessoa designada para desenvolver a prática poderia saber.

Vale ressaltar que, após ter concluído o ritual, solicitou à pessoa benzida que tomasse três goles da água e que afastasse um pouco e jogasse a água de costas e que não olhasse para trás. Ao perguntar o porquê desse detalhe, ele argumentou que era para que o mal fosse jogado fora do corpo da pessoa e que ela não poderia olhar para que não ficasse nada nela do mau-olhado. Importante mencionar, que a pessoa que foi benzida dizia estar com muita enxaqueca, ânsia e que havia tomado

medicamento e tinha tido o alívio que necessitava. Ela também relatou não ser a primeira vez que se benzia, e que já reconhecia quando a enxaqueca era de mau-olhado. Segundo a entrevistada, a dor se apresenta de forma diferente da enxaqueca, tratada pela medicina convencional.

São compreensíveis o receio e a sacralização que envolve as preces realizadas, a maioria dos entrevistados mencionaram não poder contar a reza que é feita no benzimento, porém o Benzedor J.O.S. (69 anos) relatou exatamente como menciona a prece, ainda relatou que só aprende quem tem o dom de ser benzedora ou benzedor.

Eu começo assim em nome do pai do filho e do espírito santo pedirei permissão ao nosso pai eterno para rezar o corpo de fulano daí eu começo eu rezo 4 pai-nosso 10 ave Maria em cada Mas tem as coisas de dizer se for na boniteza, na feiura, se for na gordura na magreza, se for na inteligência, se for na sabedoria se for na comida se for no trabalho, depois aí continua de novo com os 4 pai nosso, 4 ave maria de cada vez depois veio o credo em Deus padre e a salve rainha depois vem o oferecimento fulano, por exemplo, não há maior poder maior que o poder da virgem santíssima trindade com o poder da virgem santíssima trindade de olhado e quebranto curarei todas as dores que tiver no corpo dele depois quando termino ofereço 4 pai nosso 4 ave maria e um credo uma salve rainha ao santíssimo sacramento do altar. (J.O.S., 69 anos)

Foi muito gratificante para a pesquisa o fato de o benzedor contar como faz a prece, na sua maioria os entrevistados, demonstraram certa timidez, e foi necessário um diálogo muito sutil para que fosse possível realizar as entrevistas. O mesmo cuidado se teve com as imagens, apenas dois aceitaram que retirassem foto do ritual, alguns mencionaram que é um momento sagrado de intercessão e também pelo fato de se tratar de pessoas humildes e que não gostam de exposição.

O fundamento da benzeção é a oração e o rito que envolve a prece. Concluída a oração se tem a cura espiritual, as ervas e sua manipulação auxiliarão na cura física. É esse movimento de magia pela religião, que permite à prática do benzimento resistir em nossa sociedade até hoje. Muitas pessoas procuram a prática por certo desconforto com a medicina erudita ou tratamento que recebem pelos profissionais da saúde.

## CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

As benzedoras têm uma longa trajetória histórica de altos e baixos: iniciaram com o cuidado da família e da vizinhança, expandiram seus saberes e ensinamentos ao longo de séculos e tão logo a razão foi dando lugar ao cuidado que elas estiveram fadadas à perseguição. As academias, cujo viés era eminentemente masculino, deram nascimento à educação médica – racional e técnica e, então, com apoio da Igreja e do Estado, acabaram por criminalizar as práticas e conhecimentos já estabelecidos por essas mulheres e homens. Muito desse conhecimento se perdeu, outros foram, aos poucos sendo resgatados e acabaram por fazer parte da farmacologia contemporânea.

O cotidiano das benzedeadas entrevistadas é composto por rezas, benzeções, ramos, panos e curas em geral para todos, a qualquer hora, sem restrições. A demanda constante de usuários dos seus serviços em frente às suas residências demonstra o quanto essas mulheres são úteis para a comunidade. As características e a simbologia trazidas pelos entrevistados ressaltam a particularidade e a forma da presença da influência religiosa sobre os rituais.

A cura das enfermidades é obtida a partir de uma junção entre a fé da pessoa benzida, da benzedeadora em relação ao sagrado e a força que esse emite através do uso de suas preces e objetos consagrados para realização do ritual do benzimento. Foi possível identificar os mecanismos de resistência dos rituais frente a todo preconceito sofrido desde os primeiros relatos existentes dos rituais de benzimento, a forma reservada de realizarem seus rituais e sem propagação, possibilitam atuarem em benefício das pessoas sem possíveis enfrentamentos.

Em relação ao questionamento das influências religiosas, a percepção é que a prática do benzimento não está condicionada a nenhuma religião, mas as pessoas que a praticam, tem na sua prática algumas características que remetem a religião, como uso de objetos católicos, as preces e principalmente as orações espontâneas mencionadas no ritual. As particularidades também envolvem a cultura e o modo de vida da benzedeadora ou benzedor, seus costumes e tradições.

Os participantes da pesquisa demonstraram um conhecimento amplo sobre as plantas medicinais, inclusive as finalidades terapêuticas deles coincidiram com a descrição comprovada da farmacologia, que é a ciência que estuda e elucida o modo de ação dos medicamentos. A particularidade dessas está no uso consciente do recurso da natureza, levando em consideração que a natureza não está para nos servir, mas que somos uma parte integrada a ela. Essa consciência ambiental chamou muita atenção, os cuidados da colheita, no preparo dos remédios, adicionado com os aspectos sagrados envolvidos nessa preparação.

O sagrado da prática da benzeção é nítido, pois está envolvido na relação as benzedeadas e benzedores com a natureza, as pessoas, objetos, com o lugar e com a Divindade. Essa sacralização que envolve o benzimento é um ponto mais forte dentro da cultura.

## REFERÊNCIAS

ABIB, J. **Sim, sim! Não, não!** São Paulo: Editora Canção Nova, 2003.

ALMEIDA, M. G. de. O geógrafo fenomenólogo: sua oralidade e escrita no/do mundo / The phenomenological geographer: his speech and writing of/in the world. **Geograficidade**, 10 (Especial), 38-47. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/geograficidade2020.100.a40096>. Acesso em: 20 de abril de 2023.

ANDRADE, A. **O movimento aprendizes de sabedoria (MASA): tecendo territorialidades de cura na disputa por saberes comuns**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná. Curitiba-PR, 2019.

BAUMAN, Z. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BORGES, M.; SHIMIZU, H.; PINHO, D. Representações sociais de parteiras e benzedoras sobre o cuidado. **Revista Ciência, Cuidado e Saúde**. Rio de Janeiro, 8 set. 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3O9HRfc>. Acesso em: 5 jan. 2023.

CLAVAL, P. A geografia cultural. 3. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

FARINHA, A. C. A benzedora “Renovada”: uma análise das práticas de benzimento em Anápolis. In: **IV Seminário de Pesquisa em Pós-Graduação PUC Goiás/UFG**. 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3PAXyx2>. Acesso em 20 janeiro de 2023.

FLORIANI, N.; CLARINDO, M.F.; ALMEIDA SILVA, Adnilson de; STANISKI, A. Medicina popular, catolicismo rústico, agro biodiversidade: o amálgama cosmo-mítico religioso das territorialidades tradicionais na região da Serra das Almas, Paraná, Brasil. **Geografia - Rio Claro Online**, v. 41, p. 331-350, 2016.

GIL FILHO, S. F. Geografia da Religião: Reconstruções Teóricas sob o idealismo crítico. In: KOZEL, S.; SILVA, J. C.; GIL FILHO, S. F. (orgs.). **Da percepção e Cognição à Representação: Reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Imagem; Curitiba: NEER, 2007. p.207-222.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, M. T. **Benzeduras, garrafadas e costuras: considerações sobre a prática da benzeção**. Guaju, 2015.

LEWITZKI, T. **A vida das Benzedoras: Caminhos e Movimentos**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Paraná – PR, 2019. Disponível em: <https://www.prppg.ufpr.br/signa/visitante/trabalho/ConclusaoWS?idpessoal=56641&idprograma=40001016027P9&anobase=2019&idtc=13>. Acesso em: 28 de julho de 2023.

LINS, D. A. S. A benzeção em Santa Maria. A permanência de tradições de cura no contexto da contemporaneidade. **Revista Latino-Americana de História**, Vol. 2, nº. 6, p. 571 – 581, 2013 – Edição Especial. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/Dialnet-ABenzecaoEmSantaMariaAPermanenciaDeTradicoesDeCura-6238702.pdf>. Acesso: em 20 de março de 2023.

MOURA, E.C.D. Eu te benzo, eu te livro, eu te curo: nas teias do ritual de benzeção. **MNEME – Revista de Humanidades**, 11(29), 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/ojs,+18benzo.pdf>. Acesso em 04 de maio de 2023.

NOGUEIRA, L. C.; Versonito, S. M.; TRISTÃO, B. das D.. O dom de benzer: a sobrevivência dos rituais de benzeção nas sociedades urbanas – o caso do Município de Mara Rosa, Goiás, Brasil. **Élisée – Revista de Geografia da UEG**, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 167-181, 2012.

OLIVEIRA, de R. E. **Coleção primeiros passos: o que é medicina popular**. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1995.

OLIVEIRA, E. R. **O que é benzeção**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, L. de. Percepção do meio ambiente e Geografia. **OLAN – Ciência & Tecnologia**, v. 1, n. 2 nov. 2001. Rio Claro: Aleph, Engenharia e Consultoria Ambiental, 2001. p. 14-28.

PIERUCCI, F. **A magia**. São Paulo: Publifolha, 2001.

PIMENTEL, Julia Gessica Da Silva Oliveira *et al.* O benzimento realizado nos cultos da umbanda. In: **Anais do XIV ENANPEGE...** Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/77723>. Acesso em: 03/04/2023

PNCS – PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL. **Boletim Informativo I Conhecimentos Tradicionais e Mobilizações Políticas**: o direito de afirmação da identidade de benzedeadas e benzedores [...] LEWITZKI, T. [Org], ano I, 2012. Manaus: Editora da UEA, 2012.

SILVA, G. S. **O significado cultural das benzeções em uma comunidade Remanescente de quilombo (MG)**. XII Encontro Nacional de História Oral, Minas Gerais, 2014. Disponível em: [https://www.encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1398901127\\_ARQUIVO\\_ARTIGOTEREZINA2.pdf](https://www.encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1398901127_ARQUIVO_ARTIGOTEREZINA2.pdf). Acesso em: 3 de junho 2023.

SILVA, G. S. **O significado cultural das benzeções em uma comunidade Remanescente de quilombo (MG)**. XII Encontro Nacional de História Oral, Minas Gerais, 2014. Disponível em: [https://www.encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1398901127\\_ARQUIVO\\_ARTIGOTEREZINA2.pdf](https://www.encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1398901127_ARQUIVO_ARTIGOTEREZINA2.pdf). Acesso em: 3 abril 2023.

SILVA, M. das G. S.N. **Parteiras ribeirinhas**: saúde da mulher e o saber local. 2004, 215f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido). Curso de Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal Do Pará, Belém, 2004.

SOKOLOWSKI, R. **Introdução à fenomenologia**. Edições Loyola. São Paulo, 2004.

SOUZA, M. C. P. **A palavra e o lugar da cura**: história oral. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Rondônia - PPGG/UNIR, Porto Velho/RO, 2008.

SOUZA, M. C. P. **A palavra e o lugar da cura**: história oral. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Rondônia - PPGG/UNIR, Porto Velho/RO, 2008.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e lugar**. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução: Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Editora DIFEL. São Paulo, 1980.